

Carnaval e Pero Vaz



» JOSÉ SARNEY
Ex-presidente da República,
escritor e imortal da Academia
Brasileira de Letras

O carnaval passa ao largo do mercado, pois não depende dele. Se os bolsos ficarem vazios, é a Bolsa que fica ameaçada. Carnaval não influencia a taxa de juros, não a baixa nem a sobe. Assim, nada de preocupações; que seja a alegria.

As queixas procedentes vêm dos saudosistas — e eu talvez seja um deles —, todas na direção de que o carnaval se modernizou, perdeu a autenticidade do passado. Acabaram os pierrôs apaixonados e as colombinas para surgir o biquíni e o peladão. Maravilha das maravilhas! Isso é o progresso. O mesmo que tirou de moda a ceroula, o cabeção, o espartilho e colocou as liberdades das musas do carnaval: Isabelle Nogueira, Flávia Alessandra, Luciana Gimenez, Alane Dias...

Qual é a origem do carnaval? Uns, querendo colocar sabedoria, dizem que sua origem está nas saturnais romanas, festas bem moderninhas em que se celebrava a entrada da primavera de

maneira bem exuberante. Falam que ele veio de um tal carro-naval, que nada mais era do que um navio de rodas, cheio de marinheiros que cantavam canções obscenas nas ruas da Grécia antiga nas mudanças de estação.

Melhor imaginação tiveram aqueles que dizem ser essas festas e alegrias necessárias à preparação do corpo para o jejum da quaresma. Os italianos chamavam esse tempo de “Carne! Vale!”, “Carne, vá em frente, caia na gandaia”.

Outros exegetas colocam nas costas da igreja a responsabilidade da palavra carnaval e a atribuem ao santo papa Gregório, o Grande, que chamou o domingo anterior à quaresma de “dominica ad carnes levandas”, isto é, o domingo de sublimação da carne. O nome pegou por portas e travessas para carnaval. Relembra uma velha definição dos três dias antes da quaresma, em que monges medievais davam-se a muitas liberdades, comiam e bebiam etc. e tal para resistir às tentações no tempo quaresmal. E alegavam que assim faziam imitando os camelos antes de atravessarem o deserto.

O carnaval na Espanha só termina, como na Bahia, no domingo depois da quarta-feira de cinzas. Perdão! Na Bahia não termina nunca. Em Veneza, começa no Dia de Reis, e lá vai aquela coisa chata de gôndolas e bandolins.

Lembro essas coisas para dizer que o carnaval

não é nada disso. Ele nasceu no Brasil, sem primavera, nem saturnais, nem o papa Gregório. O carnaval brasileiro tem origem e cultura próprias. Sua certidão de nascimento é a Carta de Pero Vaz de Caminha, em 1500, quando descreve o descobrimento do Brasil. A chegada logo se transformou no primeiro carnaval, os índios na praia, de “carapucinhas vermelhas”, “contas amarelas”, pintados e de maracás, os portugueses batendo tambor, todos bebendo, dançando e caindo numa bruta gandaia. Temos até o nome do primeiro folião, Diogo Dias, que tocava gaita, “homem gracioso e de prazer”, que comandava a folia. A diferença é que era Páscoa, mas, na Bahia, todo tempo é bom de carnaval.

A globeleza, que se pensa ser criação de hoje, da Globo, já estava lá. E não era uma só, eram muitas. Diz Caminha que as índias participavam da festa e eram “bem moças e bem gentis, com cabelos mui pretos e suas vergonhas tão altas e tão cerradinhas e tão limpas de cabeleiras que, de muito as olharmos, não tínhamos nenhuma vergonha”.

Enquanto isso, nas nossas rádios e tevês, comandantes encarregados do policiamento já dão instruções ao povo: “Não beba. Se beber, não dirija. Leve só a roupa do corpo”. E, finalmente, “Não perca seu bloco e use a camisinha”.

Bom carnaval!



É a economia, estúpido! Será mesmo?



» ORLANDO THOMÉ CORDEIRO
Consultor em estratégia

“É a economia, estúpido” é uma frase cunhada por James Carville, estrategista na campanha bem-sucedida de Bill Clinton na eleição presidencial dos EUA de 1992. Pode-se afirmar que, por décadas, se tornou um mantra utilizado em diversas campanhas eleitorais nos quatro cantos do mundo.

Porém, em 2016 foi possível observar uma mudança radical em dois momentos. O primeiro, quando da disputa em torno do plebiscito realizado em 23 de junho sobre a continuidade do Reino Unido na União Europeia; e o segundo, a campanha presidencial de Donald Trump. Nas duas ocasiões, analistas e assessores políticos experimentados foram surpreendidos pela utilização de maneira extremamente agressiva das redes sociais.

Ainda que em 2008 Barack Obama tenha inovado nessa área, nada se compara à forma disruptiva com que estrategistas como Dominic Cummings e Steve Bannon manipularam as redes a partir do conhecimento sobre o funcionamento dos algoritmos. Esse fenômeno foi tratado, pela primeira vez, por Giuliano Da Empoli em seu livro *Os engenheiros do caos*, lançado em 2019.

Em sua obra, ele nos conta a trajetória de outras figuras menos badaladas por aqui, como os italianos Gianroberto Casaleggio e Davide

Casaleggio (pai e filho), que atuaram na criação e ascensão do Movimento 5 Estrelas de Beppe Grillo; o norte-americano Andrew Breitbart e o inglês Milo Yiannopoulos, que compuseram a equipe de Trump; e o norte-americano Arthur Finkelshtein, que atuou, desde 1996, na primeira eleição de Netanyahu em Israel e, a partir de 2009, assessorou Viktor Orban na Hungria.

Passada a surpresa inicial, uma parte de profissionais que trabalham com assessoramento político começou a buscar maneiras de enfrentar o modelo, enquanto outra parte foi aprender a como reproduzi-lo. Essa luta de titãs serviu para consolidar um clima de forte polarização nos países ocidentais, nos hemisférios Norte e Sul.

Para nos ajudar a compreender esse cenário, Felipe Nunes e Thomas Traumann lançaram, em dezembro de 2023, o livro *Biografia do abismo*. Nele, os autores avançam na análise apontando a seguinte premissa: “A eleição de 2018 é o ponto de inflexão na transformação da polarização partidária em um fenômeno novo, mais extremo, no qual o radicalismo político começou a transbordar para o cotidiano. A posição política passou a ser parte da identidade de cada um e o seu diferencial em relação ao outro”. A partir daí, somos apresentados a uma análise original, baseada em dados e informações que levam a uma dramática conclusão: a polarização transformou-se em calcificação.

Posto isso, passemos às últimas pesquisas divulgadas nos meses de janeiro e fevereiro pelos institutos Datafolha, Quaest, MDA, Paraná Pesquisas e Atlas Intel. Todas elas têm resultados bastante similares: os níveis de aprovação do governo federal em queda vertiginosa, mesmo em regiões e classes sociais historicamente mais simpáticas ao atual presidente.

Ao analisar essa informação, a mídia e os especialistas apontam o dedo para uma causa principal: a inflação dos alimentos. O próprio governo parece concordar. E, no primeiro momento, avaliou adotar medidas de cunho intervencionista, mas logo percebeu que o tiro tinha grande chance de sair pela culatra. Para piorar o cenário, a expectativa de que os preços continuarão sua trajetória de alta, com a maioria das pessoas demonstrando uma crescente insatisfação.

Assim, algumas lideranças políticas começam a apostar no fim do governo e na impossibilidade de recuperação de apoio popular. E, como consequência, concluem que, nas eleições de 2026, o governo já está com sua derrota decretada, qualquer que seja a candidatura que o represente nas urnas.

Ocorre que essas mesmas pesquisas mostram que os índices de intenção de voto numa possível candidatura à reeleição do atual presidente são muito superiores aos índices de reprovação de seu governo. Como isso é possível?

A explicação está na supracitada calcificação. Há muitos apoiadores do atual presidente que, mesmo descontentes com o governo, na hora do voto, já têm seu lado e não pretendem mudar. O mesmo se aplica aos apoiadores do principal líder da oposição que, mesmo sendo condenado e até preso, não perderá seu elevado nível de apoio daquela parcela da sociedade.

Por tudo isso, a frase “É a economia, estúpido” não consegue explicar plenamente o processo contemporâneo que comanda a escolha do eleitor. Analogamente, podemos recorrer ao ditado “ruim com ele, pior sem ele” para sintetizar o sentimento das pessoas que se identificam com qualquer um dos dois polos.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960 (Circe Cunha (interina))

circecunha.df@dabr.com.br



O bom combate

Desde sempre, soube-se que tempos difíceis ajudam a forjar homens fortes. Mas pouca gente sabe que, somente em tempos de guerra, é possível conhecê-los em carne e osso. São heróis do nosso tempo. E, quando o som dos morteiros começa a troar no horizonte e o cheiro da morte a se espalhar por todos os cantos, eles surgem.

Enquanto alguns tremem na base, fogem e se escondem, ou ainda procuram se aliar ao inimigo para salvar a própria pele, indivíduos escolhidos a dedo pelo destino permanecem de pé. A guerra, e isso foi dito também, é o caminho do engano, mas é por essas trilhas que, às vezes, é preciso seguir, mesmo conhecendo a superioridade da máquina de guerra do inimigo.

Desde a Segunda Grande Guerra, há exatos 75 anos, o mundo não ouvia mais falar em heróis. Pessoas que entregam a vida em defesa de seu povo, da sua terra e da sua cultura, movidas pela noção de que lutavam o justo combate, foram transformadas em lendas. Mas, a partir de 24 de fevereiro de 2022, ocasião em que a Rússia deu início à invasão da Ucrânia, pensando que essa atitude de pura agressão a um país soberano seria como um passeio tranqüilo ao redor de suas fronteiras, o mundo passou a conhecer a figura do presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, político, ator, roteirista e diretor de teatro e televisão.

O pecado de Zelensky foi o de rejeitar as más influências de Moscou em seu país e seguir, como era o desejo majoritário da população, se integrando ao mundo ocidental e à União Europeia. Quem diria que um ator e comediante, estreante na política de seus país, viria a ser um comandante supremo de seu exército, transformando-se numa espécie de marechal de guerra, temido e respeitado até pelos experientes oficiais russos.

Para o autocrata e eterno presidente russo, a modernização proposta por Zelensky para a Ucrânia e seu afastamento da área de influência de Moscou eram inaceitáveis. A sua aproximação com o Ocidente e com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) deu a Putin as razões que queria para invadir a Ucrânia. Logo nos primeiros meses da guerra, ficou claro para o exército ucraniano que seu país enfrentava um inimigo para o qual os tratados e as convenções de guerra, capazes de dar algum sentido humano ao que não é humano, eram totalmente desprezados por Putin. Moscou colocou para combater ao seu lado um exército de mercenários e criminosos de guerra, conhecido como grupo Wagner, detentor de um vasto currículo de sangue pelo mundo. Por diversas vezes, o governo de Moscou tentou simplesmente eliminar Zelensky, que escapou de alguns atentados graças ao seu serviço de informações.

Com a guerra em andamento, diversos líderes mundiais, diante da possibilidade de Moscou usar, inclusive, armas nucleares, ofereceram abrigo a Zelensky, acreditando que sua saída do país abriria caminho para o fim das hostilidades russas. Em resposta, Zelensky teria dito: “A luta é aqui em Kiev; preciso de munição, não de uma carona”.

Com essa atitude corajosa, Zelensky ganhou ainda mais apoio interno. Não é por outra razão que a guerra, que, para Moscou, deveria durar apenas 96 horas, estende-se por três longos anos, com os ucranianos defendendo cada palmo de terra.

Para os analistas desse conflito contemporâneo, a guerra entre esses dois países contabiliza um número superior a 1 milhão de mortos de ambos os lados. A carnificina prossegue com Moscou contando agora com a ajuda militar da Coreia do Norte. Mesmo sendo uma luta de forças desiguais, a Ucrânia, sob Zelensky, segue nos campos de batalha, resistindo ao inimigo traiçoeiro e capaz de qualquer manobra para vencer. Talvez, por sua bravura em comandar uma guerra tão prolongada contra os belicosos e imprevisíveis russos, Zelensky tem sido reconhecido por diversos países do Ocidente como um grande e bravo comandante, sendo, por diversas vezes, condecorado e saudado como herói de guerra. Ao mesmo tempo, pesa sobre Putin um mandado de prisão, expedido pelo Tribunal Penal Internacional (TPI), que o acusa de crimes de guerra.

A frase que foi pronunciada:

“O presidente não pode mudar o país sozinho. Mas o que ele pode fazer? Ele pode dar um exemplo.”

Volodymyr Zelensky

» História de Brasília

“Quanto ao fato de o senhor achar humorística esta coluna, é uma alegria para nós. Pena que nem todos concordem.”
(Publicada em 27/4/1962)